

Territorialidade e identidade dos imigrantes bolivianos em São Paulo

Valdson Fraga*

A territorialidade dos imigrantes bolivianos em São Paulo pode ser percebida e entendida como espaços de construção e reconstrução de práticas sócio-culturais e do estabelecimento e manutenção das redes sociais que normalmente as populações migrantes procuram estabelecer em contextos de deslocamentos entre local de origem e a área para a qual se destinam.

Buscando entender como se dá o processo de territorialização dos imigrantes bolivianos em São Paulo, primeiramente fui à procura de informações que me pudessem esclarecer certos pontos, como por exemplo: a constituição da Feira da Kantuta aos domingos, local de encontro desses imigrantes. Levantei os jornais comunitários publicados pelos bolivianos, como por exemplo: Le Puerto Del Sol, Alianza News, Presença Latina, Palavra Latina e Boletim da Paróquia Latino-Americana “Somos Hermanos”.

Outro caminho para entender a migração boliviana para São Paulo foi analisar a atuação das rádios comunitárias em língua espanhola, como por exemplo a Meteoro FM – 107,5, Oficial Clube FM – 94,3, Vanguarda FM – 103,9, Galáctica FM 105,5, FM Melodia e Latin Sat FM – 101,3, além de trabalho de campo e da bibliografia estudada.

Esses encontros nas praças do bairro do Pari, primeiro na Praça Padre Bento e depois na Praça Kantuta, onde se concentram grande parte dos imigrantes não só de bolivianos, mas também de outras nacionalidades/grupos, visam em sua maior parte o trabalho em áreas comerciais e industriais (oficinas de costura), deixando claro que nem todos os imigrantes buscam esses mesmos objetivos, mas participam também de uma busca de melhores condições de vida e em boa parte dos casos em busca de melhores condições econômicas transformando a paisagem do bairro.

A transformação na paisagem pelo fenômeno imigratório dos bolivianos para São Paulo se processa desde a segunda metade do século XX, mais especificamente nos anos 80 onde houve um aumento significativo deste fluxo para o Brasil. Encontrava-se grande parte desses imigrantes inicialmente na Praça Padre Bento, localizada no bairro do Pari, e que devido ao grande número de barracas e visitantes foram transferidos em 2002 para o espaço atual, ou seja, a Praça Kantuta (também no Pari), onde expressam sua cultura através de uma reterritorialização em escala local

www.pucsp.br/revistacordis

sob sua apropriação não apenas como um produto político/econômico dentro de um mundo globalizado, mas sim como um vínculo com a cultura de sua área de origem e a nova cultura que recebem, não significando perda de valor, mas uma reformulação como explica Sidney Antonio da Silva (2005, p. 15) em seu artigo “A migração dos símbolos diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo”:

A inserção dos migrantes em um novo contexto não significa a perda ou, simplesmente, a fusão de sua cultura original com a local. Ao contrário, ela tende a simplificar-se e a condensar-se em alguns traços, que passam a ser distintivos para o grupo que os veicula, proporcionando-lhe maior visibilidade.

Com isso a Praça Kantuta tem em sua origem um acordo formal com a Subprefeitura da Mooca, feirantes e empresas ligadas, sobretudo ao transporte Bolívia-Brasil (BRASILBOLÍVIA.COM, 2009), pelo Decreto nº 45.326, de 24 de setembro de 2004, que, através da Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento, se comprometeu, através de termo de cooperação, a executar serviços de conservação, manutenção e melhorias paisagísticas no local.

Kantuta, flor nacional boliviana, encontra-se nas cores vermelha, amarela e verde em forma de sino, que tem seu habitat nos vales altos das cordilheiras dos Andes, uma região de La Paz. Este nome foi solicitado pela comunidade local representada pela Sra. Harmi Takiya – Subprefeita – Mooca e pela Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento (HISTÓRIA DAS RUAS DE SÃO PAULO, 2009).

A Associação tem esse nome devido à sua formação inicial ter sido na Praça Padre Bento, local, como dito antes, onde foram feitos os primeiros encontros desses imigrantes na cidade de São Paulo. A Praça Padre Bento ficou conhecida devido à paróquia Santo Antônio do Pari que foi fundada no dia 2 de fevereiro de 1914, por dom Duarte Leopoldo e Silva, e seu primeiro pároco, o português Frei José Rolim, nessa mesma época houve a fundação da igreja, o bairro tornou-se confluência de imigrantes italianos que, nos fins de semana, ocupavam a Praça Padre Bento, também conhecida como largo do Pari, para cantar e dançar a “tarantela”¹ (ALVES, 2008).

A transferência de praça deu-se no dia 2 de junho de 2002, mas apenas foi formalizada no dia 24/09/2004, com a gestão da prefeita Marta Suplicy. Isso proporcionou não apenas a formalização de uma identidade social vista pelo Estado como identidade única, mas também

¹ Dança popular e composição musical italiana, em compasso binário composto (6/8), geralmente em modo menor, de caráter vivo, caracterizado pela troca rápida de casais.

www.pucsp.br/revistacordis

uma identidade territorial através de uma estruturação, sobretudo da apropriação e classificação simbólica daquele espaço. Vale ainda destacar que esse mesmo grupo que com sua cultura transforma esse espaço também é influenciado por outras culturas.

Essa territorialização além das várias outras que ocorreram e ocorrem a todo tempo por imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo se deu não apenas na ordem do diálogo, mas também na do conflito, sendo um dos principais a transferência da Praça Padre Bento para a Praça Kantuta. O grande volume de barracas e o grande número de pessoas que começaram a frequentar o local levou ao conflito a população local e os imigrantes, fazendo com que a Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana Padre Bento formalizasse um pedido de espaço junto a Subprefeitura da Mooca. Foi possível notar, através de faixas colocadas na rua, manifestações xenofóbicas em relação a esses imigrantes. A diferença cultural passa a ser tratada de forma depreciativa.

Essa formalização da Praça Kantuta trouxe benefícios para alguns imigrantes, como o melhoramento da renda familiar e o encontro de amigos para festejarem. Sendo que para alguns era o único dia de descanso, já que grande parte trabalha em período mais do que “integral”. Assim, a Praça Kantuta fica sendo o território e suporte dessas identidades que sempre é um movimento contínuo em busca de reconhecimento e de reformulação de antigos territórios, ou melhor, a multiterritorialidade de resistência destes imigrantes (HAESBAERT, 1999 e 2007).

Para concluir, essas questões nos fazem refletir sobre a existência das migrações contemporâneas que se colocam como um assunto relevante, verificando que a intensidade nos fluxos entre países é cada vez maior em função de uma série de fatores, sejam eles políticos, econômicos, “naturais” ou culturais (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

Referências

ALVES, Danilo Janúncio. *História dos Bairros Paulistanos: Pari*. São Paulo: Banco de Dados da Folha de S. Paulo, 2008.

BRASILBOLÍVIA.COM. Disponível em: <<http://brasilbolivia.com/>>. Acesso em: 2 nov. 2009.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

www.pucsp.br/revistacordis

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

HISTÓRIA DAS RUAS DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.com.br>>. Acesso em: 2 nov. 2009.

SILVA, Sidney Antonio da. A migração dos símbolos. Diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *Revista São Paulo Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 77-83, jul./set. 2005.

* Valdson Fraga de Oliveira é graduado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) desde 2008. O presente texto constitui parte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Geografia e foi orientado pela Profa. Dra. Marcia Maria Cabreira Monteiro de Souza, docente da PUC-SP (Departamento de Geografia). E-mail: <valdson.fraga@gmail.com>.